

A Retirada da Laguna e o Cólera Morbo

José Murilo de Carvalho Martins

A descrição de grandes epidemias feita por historiadores e romancistas tem dado uma significativa contribuição ao conhecimento humano e à Medicina. Tucídides, general grego, no livro *História da Guerra do Peloponeso*, descreve o quadro de uma enfermidade que dizimou mais de um terço da população de Atenas. Apesar do autor apresentar, com pormenores, a origem, a propagação, os sintomas e a evolução fatal da doença, até recentemente, existiam dúvidas da sua verdadeira causa. Este episódio estimulou a elaboração de inúmeras pesquisas médicas e os estudos atuais sugerem que a doença era conseqüência de uma estafilococia – condição propícia de acontecer em períodos de guerra.

Na literatura nacional há a descrição de uma epidemia de cólera morbo no livro *A Retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay. A enfermidade incidiu durante a retirada da força expedicionária brasileira do norte do Paraguai e produziu mais mortes do que a ação do inimigo. A ocorrência desta grave doença narrada em afamada obra da nossa literatura motivou o presente trabalho dando um destaque aos aspectos médicos no decurso da revisão do livro. Para uma melhor compreensão do assunto foi realizado um estudo da estratégia e das operações militares além daquelas descritas pelo próprio Taunay.

A obra *A Retirada Da Laguna*

A retirada da Laguna. Episódio da guerra do Paraguai é uma narrativa épica onde são relatados os fatos referentes à invasão do norte do Paraguai por uma força expedicionária brasileira e os infortúnios que ela sofreu durante o recuo realizado da fazenda Laguna até as margens do rio Aquidauana na Província de Mato Grosso.

A primeira versão do livro saiu em 1868 constando apenas de alguns capítulos, o qual não obteve um grande sucesso. A versão completa foi publicada em 1871, por ordem do Visconde do Rio Branco, Presidente do Conselho de Ministros, em língua francesa, sob o título *La retraite de Laguna*.

Épisode de la guerre du Paraguay (Imprensa Nacional, Rio de Janeiro). Taunay baseou sua narrativa nos dados colhidos do diário de campanha, quando era Secretário da Comissão de Engenharia.

O livro tem várias traduções para o português, sendo a primeira feita por Salvador Mendonça em 1874 e as demais pelo Barão Ramiz Galvão (1901), Affonso d'Escragnolle Taunay e, recentemente, por Sérgio Medeiros (1997). O presente estudo baseou-se nas traduções desses dois últimos escritores (Affonso d'Escragnolle Taunay, sétima e décima primeira edições brasileiras das Edições Melhoramentos, São Paulo, 1927 e 1942, traduzidas da quinta edição francesa e a tradução e organização de Sérgio Medeiros, Companhia das Letras, São Paulo, 1997).

Operações Militares

Com a deflagração da guerra do Paraguai, o Governo Imperial decidiu atacar o inimigo em duas frentes: ao sul, através da Província de Corrientes na Argentina e, ao norte, organizando uma força expedicionária que agiria partindo da Província de Mato Grosso onde os paraguaios já tinham feito várias incursões. Esperava que esse conjunto de forças fosse capaz de encurtar a guerra, o que não aconteceu, pois a mesma durou mais de cinco anos.

As operações no sul, através do rio Paraguai, foram mais fáceis do que aquelas no norte, que se mostraram infinitamente mais difíceis. A complexidade dessas últimas ações foram decorrentes da grande distância que separava a Corte da pouca habitada Província de Mato Grosso e as cheias do rio Paraguai, inundando anualmente grandes extensões de terras baixas e planas.

Houve também uma grande dificuldade de se conseguir os contingentes acessórios necessários para avolumar a força expedicionária a qual, em resumo, deveria ser a vanguarda de um Exército destinado a invadir o Paraguai pelo norte, plano esse que nunca se concretizou. Em Uberaba, Minas Gerais, a coluna contava com 3000 soldados, tendo perdido um terço deste efetivo em decorrência de uma epidemia de varíola, disenterias, febre dos pântanos (impaludismo), paralisia reflexa (beribéri) e deserções. A tropa que chegou a invadir o Paraguai contava, portanto, com um número de soldados muito aquém das necessidades para poder, com sucesso, desincumbir-se da grande missão que lhe fora confiada.

Alfredo d'Escragnolle Taunay, formado em Belas Letras e Ciências Matemática e Física, pertencente ao corpo de Oficiais do Exército Brasileiro, fez parte da coluna como membro da Comissão de Engenharia. Deixou a cidade do Rio de Janeiro em abril de 1865 e, juntamente com a tropa, chegou a Mato Grosso após oito meses de penosas marchas, a maioria em terras desabitadas. Após longos e variáveis períodos de paradas nas cidades de Coxim, Miranda e Nioaque, o corpo expedicionário partiu para o ataque ao norte do Paraguai somente em abril de 1867, dois anos após a saída de Taunay da Corte.

ORGANIZAÇÃO DA COLUNA – A força expedicionária era comandada pelo Coronel Carlos de Moraes Camisão, militar sério, porém indeciso por natureza, com pouca capacidade de liderança. A coluna tinha quatro peças de artilharia, compunha-se de 1680 soldados e acompanhavam mulheres, crianças, índios, refugiados e mascates. Não possuía Cavalaria – a grande arma da época - uma vez que os animais haviam morrido de “*uma epizootia de paralisia reflexa ou beribéri*”.

Não havia serviço de Intendência no Exército naquela época, fazendo com que a manutenção da tropa se fizesse de maneira extremamente precária. Assim, a coluna trazia consigo grande número de rezes para o abate, carroças com alimentos e contava com o fornecimento proveniente das caravanas dos mascates.

O Coronel Camisão decidiu ordenar a marcha sobre o Paraguai quando viu sua unidade abastecida com rezes trazidas da fazenda do guia da coluna Francisco Lopes. Sob músicas e fanfarras partiram em direção ao Paraguai no dia 10 de abril de 1867. Conquistaram a cidade de Bela Vista em pleno território inimigo onze dias após e no dia primeiro de maio chegaram à fazenda de Laguna, cerca de quatro léguas da fronteira. Esperava o Comandante encontrar naquela localidade um rebanho de gado capaz de manter a tropa em terreno paraguaio – o que não aconteceu. Por outro lado, chegaram ao local somente duas carretas de um mascate. Verificando que não poderia permanecer por muito tempo em território inimigo devido à escassez de víveres e munições, o Coronel Camisão ordenou o recuo no dia 8 de maio dando início à trágica retirada da Laguna!

O INIMIGO – Solano Lopes, Presidente do Paraguai, tinha se preparado para a guerra iniciada em dezembro de 1864. Possuía naquela ocasião um exército de cerca de 60.000 homens, enquanto que o Brasil tinha um con-

tingente de apenas 18.000 soldados. Deve ser ressaltado que, no início, os paraguaios estavam mais bem equipados e treinados e possuíam um bom grau de educação e cultura.

Durante a fase de invasão e no decurso da retirada nossos soldados enfrentaram várias vezes as forças paraguaias com lutas renhidas acarretando perda elevada de vidas humanas. Se de um lado os brasileiros dispunham de uma Artilharia eficiente, do outro levavam a desvantagem de não possuírem Cavalaria, cujas audazes cargas eram capazes de produzir grandes devastações na força expedicionária.

Ao se fazer uma análise do ponto de vista estratégico verifica-se que os paraguaios tinham a preocupação de privar a coluna brasileira de abastecimento, queimando as vilas que abandonavam, levando os víveres, arrebanhando o gado que pastava livre nas campinas e atacando as caravanas dos mascates. Eles sabiam que o abastecimento era vital para a tropa invasora de seu país e este procedimento é encontrado, com freqüência, em operações de guerra.

O Cólera-Morbo na Força Expedicionária

Taunay relata que o cólera-morbo irrompeu no dia 9 de maio em um índio terena, ainda na cidade de Bela Vista. O fato foi imediatamente comunicado pelos médicos aos seus superiores e julgou-se ser um caso isolado. Uma semana após a epidemia ficou bem caracterizada, comprometendo grande número de membros da coluna. Verificou-se cedo a gravidade da doença pois em um dia surgiram mais de cem casos novos e registrou-se o desaparecimento de uma família inteira em questão de horas.

A existência de grande número de doentes comprometeu ainda mais a coluna enfraquecida pela fome, fogo e ataque do inimigo. As poucas carretas cedo ficaram superlotadas de enfermos obrigando os sadios carregarem seus colegas coléricos em padiolas. O ponto auge da tragédia ocorreu quando os moribundos foram deixados em uma clareira à mercê da piedade do inimigo. O Coronel Camisão decidiu assumir sozinho a responsabilidade deste discutido ato. As últimas e importantes vítimas da doença foram: o guia Lopes e seu filho, o Coronel Camisão e seu Sub-comandante Tenente Coronel Juvêncio.

A epidemia praticamente cessou quando a coluna atingiu a fazenda Jardim do guia Lopes e a retirada finalizou no dia 11 de junho de 1867, quando a força expedicionária chegou no Porto Canuto, nas margens do rio Aquidauana. Poucos dias antes o inimigo tinha cessado os ataques, voltando para sua pátria.

A Epidemia Teria Sido Mesmo Cólera-Morbo?

O grande questionamento na leitura da obra era saber se realmente se tratava de casos de cólera-morbo, uma vez que no livro, em nenhuma ocasião, Taunay faz menção de diarréia profusa e vômitos - os sintomas predominantes neste tipo de doença. O autor tinha uma capacidade de empregar com muita precisão os termos científicos, portanto, a falta desses dois sintomas fizeram com que fosse levantada essa dúvida.

Sabe-se que o cólera-morbo é uma doença infecciosa aguda produzida pelo *Vibrio colerae*, levando, com freqüência, uma evolução rápida e fatal. Apresenta vômitos e uma diarréia aquosa, indolor, profusa, com grande número de dejeções cor de “*água de arroz*”, que acarreta uma grande perda de líquidos e substâncias eletrolíticas. Nos casos graves os pacientes podem ter 50 a 100 evacuações por dia com perda de mais de 15 litros de água. Esses distúrbios podem acarretar graves alterações no organismo e se traduzem, do ponto de vista clínico, por uma sede intensa, perda de peso, câibras severas, pele seca e lábios ressequidos, olhos encovados, voz fraca e inaudível, queda da pressão arterial com choque, não funcionamento dos rins, cianose, coma e morte.

A maioria dos sintomas da enfermidade foi reconhecida por Taunay, o qual a caracterizou como um entidade aguda (... “*recentemente atacado e já agonizante*”), com alto índice de infecciosidade e agressiva (“*em um mesmo dia desapareceu uma família inteira*”), câibras severas acompanhadas de dores, às vezes, levando o indivíduo ao suicídio, “*sede atroz*”, sonolência, agitação, confusão mental e morte. Para garantir que se tratava de cólera, o autor foi cuidadoso ao informar que os médicos da coluna conheciam a moléstia, pois tinham acompanhado o surto da doença que acometera o Rio de Janeiro.

A dúvida da epidemia não ser de cólera foi afastada ao analisar o adendo da sétima edição da obra traduzida por Affonso d'Escragnolle Taunay e publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, onde se vê nos Documentos Oficiais Brasileiros (número 21) das operações militares da força expedicionária a seguinte narração a respeito da *Irrupção do cholera morbus* na coluna:

“Havendo V. Sa exigido de mim uma parte sobre a epidemia e ferimentos havidos na expedição de Matto-Grosso, passo muito perfunctoriamente a expender o seguinte: Que no dia dez de Maio, na Bella Vista, foi-me trazido á consulta um Índio que soffria de diarrhéa abundante e que no dia seguinte falleceo. Este doente, por causa da longa marcha e dos muitos outros que tínhamos a tratar, falleceo, sem que tivessemos bem observado sua enfermidade. No dia 17, às 11 horas da noite, pouco mais ou menos, entraram mais dous enfermos para a Enfermaria, os quaes attrahiram a attenção pelos grandes gritos que davam em consequencia de caimbras e pela semelhança dos symptomas de ambos que eram: grande sêde, supressão de ourina, vomitos, evacuações alvinas abundantíssimas, resfriamento das extremidades; e no dia seguinte, os que morreram estavam desfigurados pela magreza do rosto, então julgamos que tínhamos em presença a horrenda epidemia de cholera-morbus, que no dia subsequente tornou-se evidente pela entrada de muitos atacados com os symptomas seguintes: vomitos, evacuações alvinas abundantes de uma matéria semelhante á agoa de arroz, grande sêde, dyspnéa, pulso pequeno frequente, supressão de ourinas, mudança extrema no metal da voz e mesmo aponia, pelle fria, cyanose, magreza e desfiguramento rápido do rosto, etc....” – o documento era assinado pelo 1º Cirurgião Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana, com o visto do 2º Tenente Bacharel Alfredo d'Escragnolle Taunay, Secretario Militar.

Após a leitura deste documento, com a descrição pormenorizada do quadro gastrintestinal da doença tudo leva a crer ser o cólera-morbo a causa da epidemia que vitimou a coluna brasileira durante a retirada da Laguna.

Como Chegou o Cólera na Longínqua Coluna?

Outro questionamento é de como essa grave doença atingiu uma pequena tropa isolada nas imensidões do Mato Grosso. Sabe-se que o cólera é uma entidade conhecida de longínquas datas, existindo de forma endêmica na Índia e que, devido as facilidades mundiais de transporte, pôde se propagar por todo o mundo, constituindo as chamadas pandemias. Em 1855, vindo da Europa, o cólera - morbo chegou ao Pará e se propagou por todos estados litorâneos do Brasil até o Rio Grande do Sul. O Ceará e Piauí foram, inicialmente, poupados, porém, suas primeiras vitimas surgiram em 1862 e, cinco anos após, havia ceifado a vida de mais de 200.000 pessoas.

Taunay não faz referência ao cólera no seu longo percurso do Rio de Janeiro ao Mato Grosso. Como não existe portador são e o tempo de incubação da doença é muito curto, a hipótese dela ter vindo do litoral leste através dos sertões é muito pouco provável.

Na época não se conhecia a causa do cólera e julgava-se que se transmitia por via aérea, motivo pelo qual, como o próprio autor relata na narrativa, acendiam enormes fogueiras nas paradas para purificar o ar dos pântanos. Somente anos depois é que o mundo veio a saber que a enfermidade era transmitida via oral através da ingestão de água e alimentos contaminados pelas fezes e vômitos dos coléricos, bem como pelas roupas.

O próprio Taunay chegou a discutir a causa de epidemia quando disse:

“Seria a carne estragada que éramos obrigados a ingerir, ou a fome que padecíamos quando o nojo era maior que a necessidade? Seria o calor insuportável dos incêndios, que fazia nosso sangue fervilhar, ou a intoxicação provocada por todas as substâncias vegetais que devorávamos: hastes tenras, frutas verdes ou podres? Ou, finalmente, a insalubridade do ar, viciado pelas águas estagnadas das lagoas e dos brejos, numerosos na região?” Prosseguiu: “Supunham alguns que o mal fora trazido pelo próprio inimigo. Sem dúvida, os soldados paraguaios podiam também ter sido atacados, pois, embora nunca tivessem passado pelas mesmas privações que nós, haviam recebido reforços de seu exército do sul, que fora dizimado pelo flagelo. Talvez a presença da cólera também entre eles pudesse explicar, já perto do fim, a frouxidão de

seus ataques, ainda que continuassem freqüentes. Contudo o Semanário de Assunção que anexamos ao nosso relato não faz menção alguma à epidemia”.

Esta última afirmativa de Taunay não está, todavia, de acordo com o que diz o referido Semanário cuja análise cuidadosa encontra-se o seguinte trecho onde mostra a existência da doença na região:

“A cólera, essa terrível peste que já assomara em povoações aliadas e arruinara o exército inimigo do sul, apareceu entre eles com todos os seus horrores, causando o mais pavoroso estrago”.

Nas suas *Memórias* Taunay volta a discutir este problema informando existir cólera no Paraguai, sendo que em Humaitá um grande número de paraguaios e brasileiros estavam acometidos da doença. Tudo indica, portanto, que a cólera tenha continuado sua propagação do Rio Grande do Sul ao Paraguai e, eventualmente, vitimou a pequena tropa expedicionária dirigida pelo Coronel Camisão. Batista Aragão confirma esta hipótese no seu livro *Guerra da honra ofendida. Brasil - Paraguai*, quando relata que em fevereiro de 1867 a cólera emigrou do Rio de Janeiro atingindo Buenos Aires, Montevideú, Corrientes e o acampamento de Tuiuti, onde havia uma grande concentração de tropas. A agressividade da doença na região foi tal que em meados de maio tinha feito cerca de 10.000 óbitos.

Condições Higiênico-Sanitárias. Gravidade da Doença

Afrânio Peixoto, em relatório do Ministério da Saúde sobre o cólera, ressalta que existe uma associação importante entre a doença e as condições sócio-econômicas e sanitárias das áreas atingidas. Ele refere que no Brasil a epidemia de 1855/65 foi mais benigna nos estados do Sudeste e do Sul, exatamente onde a qualidade de vida já era, à época, relativamente melhor do que era no restante do País.

Pouco antes da eclosão da epidemia, Taunay notara a precariedade das condições alimentares e sanitárias da colônia. Fez então os seguintes comentários:

“Um espetáculo repulsivo revelou-nos, neste lugar, o quanto era medonha a fome dos nossos soldados. Ia-se abater um boi estafado, quase moribundo: ao redor do infeliz animal um círculo já se formara, cada qual aguardando com ansiedade os jatos de sangue, alguns para recolhê-lo numa vasilha e levá-lo, outros para bebê-lo ali mesmo, e, no momento oportuno todos se lançaram a um só tempo, os mais distantes disputando com os mais próximos. Isto sucedia todos os dias. O açougueiro mal tinha tempo de cortar o animal e de certo modo já era preciso arrancar-lhes os pedaços das mãos para levá-los ao local da distribuição. Os restos, as vísceras, o próprio couro, tudo era despedaçado no ato e prontamente devorado, mal assado ou mal cozido: refeição odiosa que não podia deixar de dar origem a algumas epidemias”.

É possível que a fome e as péssimas condições sanitárias tenham contribuído para a gravidade da epidemia do cólera na colônia brasileira.

Pode-se questionar também o motivo pelo qual muitos soldados, submetidos às mesmas condições sanitárias e alimentares que os coléricos, não tiveram a doença. O próprio Taunay nas suas *Memórias* levanta essa questão.

Hoje se sabe que pode existir uma variação do quadro clínico da moléstia, indo de casos graves às formas leves, assintomáticas, apresentando apenas um simples desconforto no abdômen. Essa variação pode estar na dependência da quantidade de bactérias ingeridas através da água e dos alimentos contaminados, bem como da acidez do estômago, uma vez que o ácido desse órgão ataca destruindo esses microorganismos. Assim, por motivo constitucional, os indivíduos que possuem pouco ácido no estômago têm maior propensão de terem a doença, enquanto que os com grande acidez não são comprometidos.

Finalmente, por razões não explicadas, sabe-se hoje que a suscetibilidade ao cólera é influenciada pelos grupos sanguíneos do sistema ABO. Dessa maneira, os indivíduos do grupo 0 são mais susceptíveis à doença, enquanto que, ela nunca acomete pessoas do grupo AB!

Tratamento do Cólera-morbo

Na obra, não há referência como os pacientes eram tratados. O médico da tropa Dr. Quintana apenas referiu que “*Os medicamentos no fim de poucos dias estavam acabados*”.

O tratamento atual do cólera-morbo baseia-se na necessidade de uma reidratação rápida do doente administrando grande quantidade de líquidos e sal, por via oral ou venosa. Como se deduz da leitura do livro não era permitido dar líquidos aos enfermos. e o caso do Coronel Camisão foi típico dessa conduta. Acometido de cólera, o Comandante da coluna exclamou:

“Como dizem que a água é mortal dêem-me um pouco porque estou morrendo logo”.

Com toda dignidade, poucas horas depois ele expirou. Por uma questão humana a conduta de abstenção de líquidos era, por vezes, rompida. Assim, encontra-se no texto a referência de oferecerem água “*a alguns moribundos, para satisfazê-los por um momento...*” e, de terem deixado os coléricos abandonados em uma clareira, á mercê da piedade do inimigo, somente com um pouco d’água para amenizar a sede.

O ponto emocionante da narrativa *A retirada da Laguna* ocorreu quando a tropa faminta atingiu a fazenda do guia Lopes e chupou uma grande quantidade de laranjas do seu rico pomar. Os coléricos também chuparam as laranjas comendo até as cascas. Este momento marcou o fim da epidemia e, os poucos doentes ainda existentes, foram melhorando gradualmente, não surgindo, de então, casos novos. Ao atingirem o rio Aquidauana a epidemia tinha cessado por completo.

Esta observação merece ser comentada. Como se lê no livro as cáibras eram queixas freqüentes, acompanhadas de dores, levando em um caso, ao suicídio. Cáibra faz parte integrante do quadro clínico do cólera e é devida à grande perda de potássio. A melhora rápida dos enfermos deve ter sido em consequência da correção da desidratação por ingestão das laranjas, as quais são também ricas em potássio. No tratamento atual da enfermidade indica-se a administração de açúcar e de proteínas e, nesse particular, sabe-se que a casca da laranja é rica dessas duas substâncias químicas, ingeridas avidamente pelos enfermos.

Considerações Finais

Como se pode verificar no livro, Taunay aplicava com muita precisão os termos científicos. Assim, ao comentar as dificuldades encontradas pelo corpo do Exército para atuar no norte do Paraguai, relatou o acometimento de *epidemias* de varíola e beri-beri (paralisia reflexa) que dizimaram um terço do contingente da tropa e, ao se referir à inexistência de cavalaria na coluna brasileira, atestou a ocorrência de uma *epizootia* do gênero paralisia reflexa que vitimou todos nossos cavalos. O termo epidemia é usado em Biologia para caracterizar as doenças humanas que surgem rapidamente em um local e acometem grande número de pessoas, enquanto que epizootia tem o mesmo sentido, porém empregado para animais.

É, portanto, difícil de explicar porque o autor omitiu nas suas descrições a presença de diarréia e vômitos entre as queixas dos coléricos. Esses sintomas são tão evidentes que dificilmente passariam despercebidos por um observador menos atento. Ademais ele tinha conhecimento do fato pois assinara o documento 21 da lavra do médico Dr. Quintana.

Na campanha de Mato Grosso observou-se que muitos jovens militares partiram para luta sonhando alcançar a glória nos combates, mesmo que isto lhe custasse a vida. É possível ser este o motivo pelo qual Taunay, voluntária ou involuntariamente, não tenha se referido àqueles sintomas como causa da morte de seus companheiros de farda.

A experiência vivida na expedição de Mato Grosso pode explicar a atitude de Taunay na Câmara dos Deputados defendendo o direito dos militares. Na narrativa existem inúmeras passagens onde se nota a precária situação econômica dos militares, cujo desaparecimento em combate, deixavam suas famílias na miséria. Possuindo um espírito avançado, são de sua autoria as leis que dão direito a meio soldo para as viúvas dos militares mortos em combate ou por doença. Deve ter sido esta a primeira experiência de política social instituída no Brasil.

A retirada da Laguna, do Visconde de Taunay, traz ao leitor, informações importantes daquele episódio da guerra do Paraguai e da grave moléstia que incidiu na tropa brasileira durante a retirada. Muitas das dúvidas levantadas pelo autor só puderam ser explicadas pela Medicina moderna.

Referências Bibliográficas

- ARAGÃO, R. B. *A guerra da honra ofendida: Brasil – Paraguai*, Fortaleza: s.n., 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Vigilância Sanitária. *Cólera*. 3 ed. Brasília: Secretaria Nacional de Vigilância Sanitária. 50 p. (ISBN:0003-9).
- KEUSCH, G. T.; DARESIWICZ, R. L. *Cholera and other vibrioses*. In ISSELBACHER, K. J. (Org.) *Harrison's principles of internal medicine*, 13 ed. New York: McGraw Hill, 1994, v. 1, p. 681-85.
- MAJOR, R. *Classic descriptions of disease*. Springfield: Charles C. Thomas, 1955.
- RIEDEL, O. O. *As epidemias de cólera no Ceará*. ANAIS DA ACADEMIA CEARENSE DE MEDICINA, Fortaleza, v. 3, n.3, p.190-218, 1988.
- TAUNAY, Alfredo d' Escragnole Taunay, Visconde de. *Diário do Exército: 1869-1870*. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- _____. *Entre nossos índios*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- _____. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.
- _____. *Recordações de guerra e de viagem*. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1924.
- _____. *A retirada da Laguna*: episódio da Guerra do Paraguai. Tradução e organização de Sérgio Medeiros. São Paulo: Companhia de Letras, 1997.
- _____._____. 7 ed. traduzida da 5 ed. francesa por Affonso d'Escragnole Taunay. São Paulo: Melhoramentos, 1925.
- _____._____. 11 ed. traduzida da 5 ed. francesa por Affonso d'Escragnole Taunay. São Paulo: Melhoramentos, 1942 .